

MERCADO DE TRABALHO

Emprego mais instável e pior pago desde a crise

Dos novos contratos vigentes a 15 de maio deste ano, somente um terço era a tempo permanente. À precariedade dos vínculos junta-se a descida dos salários.

JOÃO MONIZ
jmoniz@destak.pt

Durante um colóquio parlamentar, João Ramos de Almeida defendeu ontem que o emprego criado desde 2013 é mais instável e pior remunerado. O investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra chegou a essa conclusão após analisar os fundos de compensação do trabalho, introduzidos precisamente naquele ano.

No trabalho, que o **Destak** consultou, é explicitado que entre novembro de 2013 e maio de 2017, foram celebrados 3 343 255 contratos, mas a 15 de maio deste ano estavam vigen-



No colóquio, Carvalho da Silva falou em «lastro pesado» deixado pela troika

tes 1 146 062. Embora os mais de 2,1 milhões de contratos caducados não impliquem uma destruição de emprego, pois muitas ligações são renovadas com novos contratos, afirma-se que «a desproporção entre contratos firmados e contratos vigentes decorre, em grande medida, da precariedade dos vínculos contratuais».

Uma tese reforçada com o facto de que, a 15 de maio, as contratos permanentes representavam cerca de um terço (33,1%) dos novos contratos, enquanto as ligações a prazo totalizavam 36,4%. Quanto aos salários, dois dados sintomáticos: a remuneração média dos novos contratos permanentes caiu 8,2%; a média dos novos contratos pagos com o salário mínimo passou de 23% em 2014 para 37% em 2016.

Seguros têm de ser mais caros

Nos últimos cinco anos, o ramo de acidentes de trabalho teve prejuízos de 530 milhões de euros e, entre 2013 e 2016, 13 das 17 seguradoras que operam no setor tiveram «desequilíbrio técnico», que ainda se mantém em algumas. Daí que o supervisor aponte para uma subida dos prémios pagos.